

Tornar-se adolescente: Pensar no Rorschach para conhecer

Isabel Gonzalez Duarte¹ & Maria Emília Marques²

1. ISPA-IU. Portugal.

2. ISPA-IU. Portugal.

Resumo

Tornar-se adolescente é um imperativo do desenvolvimento, uma passagem da infância para a vida adulta. Tendo por base um referencial teórico que se inscreve nas teorias da relação de objecto, nos processos de transformação e de co-construção, propomos observar e dar a conhecer os processos de transformação, essenciais para o crescimento mental, que se encontram presentes no tornar-se adolescente, o que consideramos que só é possível através da constituição de uma relação do tipo continente-conteúdo, onde o desconhecido é de novo (re)significado, permitindo a descoberta e o "apreender com a experiência".

O Rorschach será dotado de possibilidades de acesso ao processo de tornar-se adolescente, através da criação de um conjunto de procedimentos que permitam operacionalizar a leitura dos processos psíquicos em (re)construção através das noções de *techne* e de *campo*, que ao serem inscritas numa relação continente-conteúdo são reveladoras da circularidade dos processos psíquicos.

A construção de novos organizadores psíquicos constitui-se como uma mais-valia para a prática clínica, podendo no futuro conduzir a novas práticas de acompanhamento, mais centradas nos processos de transformação em curso e menos inscritas na lógica clássica da psicopatologia.

Palavras-chave: adolescência, transformação, *techne*, *campo*, intersubjectividade.

Abstract

Becoming an adolescent is an imperative of the development, a passage from childhood to adulthood. On the basis of a theoretical framework that is consistent with the theories of the relation of the subject, in the processes of transformation and co-building, we propose to observe and to understand the processes of transformation, essential for the mental growth, that are present in becoming an adolescent. We believe this is only possible through the establishment of a container-contained relationship, where the unknown is new (re)meaning, enabling the discovery and the "learning from experience".

The Rorschach will be endowed with possibilities of access to the process of becoming an adolescent, through the creation of a set of procedures that allow to operationalize the reading of the mental processes in (re)construction through the notions of *techne* and *field*, which by entering in a container-contained relationship tell us about the circularity of mental processes.

The construction of new mental organizers is as an asset for the clinical practice, and may, in the future, lead to new monitoring practices, more focused on processes of change and less entered in the classical logic of psychopathology.

Key words: Adolescence, transformation, *techne*, *field*, intersubjectivity.

Aceder ao tornar-se adolescente

Tornar-se adolescente é um imperativo do desenvolvimento, é uma passagem da infância para a vida adulta. Ao longo dos anos muitos têm sido os estudos realizados sobre este período do desenvolvimento, durante o qual ocorrem importantes transformações, (re)constituem-se importantes funções psíquicas, (re)constrói-se a subjetividade através de uma relação intersubjetiva.

Para acedermos à dinâmica dos processos psíquicos do desenvolvimento adolescente, inscrevemo-nos (1) no *modelo das transformações* de Bion (1965/1982), que permite descrever a relação de *encontro e de comunicação* entre o sujeito e o objeto, mas também, entre o objeto e o sujeito, numa (re)criação de novos objetos, dotados de novas características e qualidades; socorremo-nos (2) do conceito "*processos de transformação*" de Braconnier (1985), que descreve a *continuidade, a ligação e a passagem dos processos* já formados a outros que ainda se estão a desenvolver; e, por fim, (3) e da noção "*objeto transformacional*" de Bollas (1989) que explicita a *internalização* do processo de transformação enquanto condição fundamental para o crescimento mental, reveladora do *processo criativo* (Bollas, 2011).

O adolescente (re)constrói-se na relação que se estabelece com o(s) Outro(s), num processo dinâmico intersubjectivo, numa relação dinâmica continente-conteúdo inscrita no "*apreender com a experiência*" (Bion, 1962/1991), (re)significado o conhecido por sucessiva ligações, uniões e integrações do desconhecido. Tal decorre orquestrado pela presença de fortes contrastes, pelas clivagens e pelos intensos movimentos de identificação projectiva (Marques, 1999).

Para acedermos ao *tornar-se* na adolescência, iremos ainda utilizar as noções *techne* (Vassalli, 2001) e *campo* (Ferro, 2006/2009):

(1) A *techne* permite-nos pensar em algo que não está constituído à partida, mas que se vai alterando, se vai tornando, produzindo também, por sua vez, efeito no Outro (Vassalli, 2001). Podemos, ainda, ilustrar este conceito, com a descrição de Caper (2009) sobre o "*... trabalho de um escultor, que não está claro no início, mas que emerge durante o processo de criação (...) o artista transforma o seu material num processo que expressa a sua visão*" (op. cit; pp. 48).

(2) O *campo* é definido por Ferro (1999/2000) como sendo uma matriz de histórias possíveis, na qual está presente uma oscilação entre o saber permanecer na dúvida (Ps) e uma escolha que fecha o seu significado, levando à sua reorganização (D). Assim, *campo* é entendido como o lugar onde ocorre a alfabetização das proto-emoções, continuamente transformadas em narrativas fluídas, numa formação contínua de elementos alfa, ou seja, de elementos com sentido e com significado. As narrativas são o veículo da transformação das emoções não representadas, através das quais é possível compreender o campo como o meio das operações de transformação, narrativas e pequenos *insights* sucessivos (Ferro, 2002). Falamos então de um lugar de encontro, de partilha intra e intersubjectivos, com características próprias, no qual está presente um jogo dinâmico ordenado pela identificação projectiva, que possibilita a constituição de um espaço de transformação, no qual emergem os conteúdos, funcionando como um continente, gerador de novos sentidos e significados, revelador do processo de crescimento em curso (Ferro, 2006/2009).

Techne-campo, inscritos na relação continente-conteúdo (Bion, 1962/1991), permitem (1) a constituição da intersubjectividade e de um espaço de co-construção, revelador da dinâmica inerente às transformações no tornar-se adolescente, possibilitam (2) compreender de que modo é que aí têm lugar as transformações psíquicas, inscritas em relações intra e intersubjectivas.

O Rorschach como Instrumento e Método

Temos em curso uma investigação sobre o tornar-se adolescente, fundada nas concepções atrás apresentadas. Para a sua realização usamos uma metodologia qualitativa e longitudinal, que permite aceder aos *processos* psíquicos dinâmicos e às suas

transformações no decurso da adolescência, sendo constituído como fundamental a singularidade, o caso, a dinâmica intra e intersubjectiva de cada adolescente. A legitimidade desta nossa forma de proceder encontra acento no reconhecimento de que há muitas formas de fazer ciência, sendo o mais fundamental a coerência e convergência entre objecto e método que ordenarão a criação de novos conceitos e modelos (Marques 1999), bem como o imperativo de qualquer investigação de inscrição psicanalítica dever conter e usar o inconsciente (do observador e do observado) tal como é bem discutido em Hollway & Jefferson (2000).

O material usado na investigação são 18 protocolos de Rorschach, colhidos nos mesmos sujeitos em dois momentos: início da adolescência, 13 anos e aos 16/17 anos.

O Instrumento Rorschach, considerado dentro dos paradigmas consagrados pela significação, será usado para dar conta dos processos dinâmicos e transformacionais inerentes ao crescimento e à expansão mental no tornar-se adolescente (Marques, 1999). O processo-resposta Rorschach emerge num espaço ativo e dinâmico continente-*campo* no qual é possível dar sentido e significado aos conteúdos-*techné*, da mesma forma que o continente-*techné* irá possibilitar a criação de novos ciclos, gerando novos sentidos e significados, suscitando uma (re)criação do *campo*-conteúdo, levando a novas procuras e favorecendo o crescimento.

A análise das respostas presentes em cada um dos protocolos de Rorschach, é realizada atendendo às solicitações simbólicas subjacentes a cada um dos cartões, ao significado inerente aos elementos da cotação e aos procedimentos definidos para os organizadores *techné* e *campo*, através dos quais é possível realizar uma leitura das transformações psíquicas e do processo intersubjetivo presente durante o processo de desenvolvimento adolescente. Os protocolos de Rorschach serão analisados como se de uma narrativa se tratasse, uma vez que estas possibilitam compreender o processo inconsciente de transformação (Ferro, 2002) e a relação intersubjectiva que se estabelece na relação Eu-Outro.

Da investigação em curso retiramos alguns exemplos que permitem ilustrar o que emerge através da análise dos protocolos Rorschach e que revelam o processo tornar-se no adolescente.

As transformações no Rorschach

Na entrada na situação Rorschach, o cartão I põe em jogo o contacto com o desconhecido e a sua recriação com e pelo conhecido. A *techné* revela o movimento de construção interna, o processo criativo e o *campo* a organização do desconhecido e enigmático numa figura que revela o processo de transformação realizado. A adolescente no primeiro contacto com a prova agita-se e inquieta-se. Dá como resposta: “É um monstro?!... Não faço a mínima ideia do que é isto.” (um monstro por causa dos 4 olhos, do seu ar, das orelhas, pela forma da cara do monstro – Gbl FClob H/(Hd)). Apesar de ser evidente a capacidade de figurar que impôs uma actividade de ligação entre o interior e o exterior reveladora da ação da *techné* - o conteúdo, o *campo* - continente - apresenta uma falha ao nível da capacidade de transformação, pela inquietação e disforia que contém.

No segundo momento de avaliação, aos 16 anos, o confronto com o cartão I leva-a a dar a resposta “Um gato” (Os olhos, as orelhas e o focinho – Dbl F+ A/Ad). Evoca um animal que oscila entre poder ser dócil e afável ou esquivo. A entrada na situação, o desconhecido à procura de um significado, mostra a capacidade de dar um nome e um significado à mancha, revelando a *techné* o seu processo de criação interno e o *campo* uma imagem

estruturada, delimitada, mesmo que parcializada, mas com uma aproximação ao mundo vivencial e experiencial.

Na passagem de um momento a outro, assistimos a um processo de transformação que opera de forma diferente: do inquietante, distante e desconhecido, num primeiro momento, passa-se, no segundo momento, à expressão de uma melhor capacidade de aceder a um verdadeiro símbolo.

O cartão III apela à representação de si e da relação intersubjectiva Eu-Outro. A *techne* irá permitir-nos aceder à dinâmica relacional presente no tornar-se e o *campo* funcionará como revelador e contentor do processo intra e intersubjectivo.

Aos 13 anos surge como resposta: “*Um gato*” (As orelhas, o nariz – D bl F– A/Ad). Apesar da capacidade de evocar uma imagem símbolo que traduz o movimento presente no mundo interno, a imagem revela também que existe uma incapacidade em lidar com o relacional solicitado pelo cartão. Ao dar uma imagem unitária mas parcial, de má qualidade formal e com integração de branco num cartão bilateral, é possível aceder a uma falha no processo criativo de simbolização, traduzindo este a representação do Eu sem a dinâmica Eu-Outro. Um Eu retirado e retraído face ao Outro.

Aos 16 anos, no cartão III é dada a resposta: “*Dois empregados de mesa*” (os empregados parece que estão a levar uma bandeja – G K H Ban). Esta resposta mostra a possibilidade de aceder a uma representação de relação, embora banalizada, funcionalizada e em espelho, traduzindo a *techne* um esboço de interacção, que não o é na sua acepção plena, dado o desdobramento do Eu num outro igual, revelando o *campo* a existência de um Eu bem definido e bem delimitado.

Através das respostas dadas a este cartão podemos observar a passagem de uma representação de Si fragilizada, para uma representação da relação do Eu-Outro, mesmo que ainda não muito desimpedida, reveladora da existência de um espaço de co-construção intersubjectivo, que traduz o processo de transformação em curso no tornar-se adolescente.

O cartão X, o último e o mais disperso entre os coloridos, o que anuncia o fim da prova e também da relação, o que convida a revelar a capacidade de delimitar e separar o dentro e o fora, mas também o de unificar e integrar a diversidade, traduzindo a *techne* a delimitação Eu-Outro, mas aqui num contexto alargado ao mundo, funcionando o *campo* como o lugar que reúne, porque transforma e integra a dispersão, vivida pelo adolescente com a chegada ao fim da prova.

Aos 13 anos são dadas as respostas: “*Parece um caranguejo*” (D F+ A), “*Aqui aquelas algas do mar*” (D F± Bot) e “*Isto aqui não sei bem o que é...*” No inquérito diz: “*um bicho do mar*” (D F± A). As respostas dadas a este cartão revelam-nos a existência de uma incapacidade em lidar com a dispersão, evidenciando o campo-continente uma falha na sua função delimitadora e transformadora da angústia sentida com a chegada ao fim da prova. Os conteúdos aqui explicitados contrastam entre si, entre o “*caranguejo*”, com uma carapaça dura de protecção e as “*algas*” que simbolizam a vida sem limite, que nada pode aniquilar, a vida elementar, o alimento primordial (Chevalier & Gheerbrant, 1982/1984).

Aqui a *techne* revela-nos o movimento do tornar-se entre a abertura ao mundo e o seu fechamento e retraimento, através de uma dinâmica que se estabelece entre o frágil e o desprotegido, presente no caos, ao qual é necessário dar um sentido e um significado e a necessidade de protecção, que leva à evocação de imagens-símbolos contentoras, mas que ao mesmo tempo traduzem um fechamento no acesso ao mundo. Este movimento, presente nas respostas dadas a este cartão, reporta-nos para o mito das origens, descrito

por Vernant & Vidal-Naquet (1981/2008), segundo o qual, onde as relações do um e do múltiplo, do indeterminado e do definido, geram o conflito e a união dos opostos, em que a sua mistura e possível equilíbrio, gera o contraste entre a permanência da ordem divina e a efemeridade da vida terrestre.

Aos 16 anos as respostas são: “*Aqui algas*” (D F± Bot), “*Aqui lagostas*” (D F+ A), “*Aqui caranguejos*” (D F+ A) e “*Sei lá ... o fundo do mar*” (Gbl CF Nat) acrescentando como resposta adicional “*Aqui também parecem dois cavalos-marinheiros*” (D F+ A). Através da sequência das respostas é possível observar um movimento progressivo de transformação e de crescimento, traduzindo a *techne* os limites Eu- Outro, aqui visível nas referências feitas a animais, dotados de uma boa qualidade formal, com limites bem definidos e demarcados entre o dentro e o fora. No *campo* estas respostas dão conta da capacidade de conter e de transformar o clima imposto pelo fim da prova. Assistimos a um movimento de ligação e de reunião dos vários elementos dispersos através da evocação de um *campo*-continente “... o fundo do mar”; no qual se inscrevem os conteúdos-*techne* reveladores do processo de transformação, que aqui expressam uma oscilação entre a necessidade de protecção, com a evocação de animais com uma protecção mais dura “*caranguejo*”, “*lagostas*” e a dispersão, representada através da resposta “*algas*”.

As respostas da adolescente revelam-nos a beleza do seu tornar-se permitindo-nos aceder às transformações psíquicas em curso durante a sua adolescência. Através da análise dos seus protocolos verificamos um aumento da capacidade de transformação e de elaboração do desconhecido, uma emergência da possibilidade de expressar o Eu que permite uma passagem para a interação Eu-Outro, com a criação de um espaço de co-construção e de uma relação intersubjectiva. A dinâmica *techne-campo* pode aqui ser compreendida numa lógica transformacional, através da ligação e da integração dos contrários.

Para concluir

A compreensão do tornar-se adolescente, através da dinâmica *techne-campo* inscrita numa relação do tipo continente-conteúdo, possibilita uma melhor compreensão e explicitação das transformações e dos processos intra e interpsíquicos, em curso durante este período do desenvolvimento.

Para estudarmos os processos psíquicos em construção na adolescência, recorreremos a uma metodologia qualitativa e longitudinal, que permite a compreensão da subjectividade do tornar-se, através da inscrição num método adequado ao estatuto teórico do nosso objecto de estudo, que nos permite aceder à riqueza e à complexidade do processo intersubjetivo, constituindo-se como uma forma inovadora de aceder e compreender às dinâmicas do funcionamento psíquico.

Estes desenvolvimentos teóricos enriquecem o conhecimento sobre a adolescência, através da utilização de modelos que dão conta dos processo de transformação e beneficiam a prática clínica na medida em que permitem dotar o Rorschach de novos elementos de análise, mais sensíveis aos processos psíquicos em construção, proporcionando assim uma compreensão mais próxima da essência do processo que é tornar-se, constituindo-se como uma mais-valia para a prática clínica, podendo conduzir a práticas de acompanhamento mais centradas nos processos de transformação e menos inscritas na lógica clássica da psicopatologia. Deste modo, passa a ser possível um alargamento da clínica através da utilização de novos métodos “entretécidos” com as teorias.

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria Emília Marques pelo apoio incondicional que me deu e que possibilitou a elaboração da apresentação realizada no IX Congresso Iberoamericano de Psicologia, 2.º Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses.

À Ordem dos Psicólogos Portugueses pela realização do seu 2.º Congresso.

A todos os que pensam na e para a prática clínica.

Contacto para Correspondência

Isabel Maria Gonzalez Duarte da Cunha, Doutoranda, ISPA-IU.

Alameda D. Afonso Henriques 27, 1.º Dt., 1900-180 Lisboa TM: 00351962776707

Email: isabelmgdc@gmail.com

Maria Emília Marques, Professora Doutora, ISPA-IU.

Rua Jardim do Tabaco, 1149-041 Lisboa Tel.: 000351218811700

Email: emarques@ispa.pt

Referencias

Bion, W.R. (1962/1991). Learning from experience. London: Karnac.

Bion, W.R. (1965/1982). As transformações. As mudanças do aprender para o crescer. Imago: Rio de Janeiro.

Braconnier, A. (1985). Ruptures et séparations. Adolescence, 3, 1. 5-19.

Bollas, C. (1989). L'objet Transformationnel. Revue Française de Psychanalyse LIII, 1181-1199.

Bollas, C. (2011). The Christopher Bollas Reader. Routledge: London and New York.

Caper, R. (2009). Building out into the dark. Theory and observation in science and psychoanalysis. Routledge: London and New York.

Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1982/1984). Dicionário dos Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Teorema: Lisboa.

Ferro, A. (1999/2000). A Psicanálise como Literatura e Terapia. Imago: Rio de Janeiro.

Ferro, A. (2002). The Work of the Negative. International Journal of Psycho-Analysis, 83(4), 974-982.

Ferro, A. (2006/2009). Mind Works. Technique and Creativity in Psychoanalysis. Routledge: London.

Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). Doing Qualitative Research Different: free association, narrative and the interview method. Sage: London.

Marques, M. E. (1999). A Psicologia Clínica e o Rorschach. Lisboa: Climepsi Editores.

Vassalli, G. (2001). The birth of Psychoanalysis from the spirit of Technique: what have we learned? How can we apply it? International Journal of Psycho-Analysis, 82, 1, 3-23.

Vernant, J.P. & Vidal-Naquet, P. (1981/2008). *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Editora Perspectiva.